

Constituinte de palco novo

A reforma do plenário da Câmara deverá mesmo ser feita sem audiência do plenário. O projeto não será submetido a discussão e votação, o que não impedirá candentes pronunciamentos do líder do PDS, deputado Amaral Netto, e de outros parlamentares de diversos partidos contra a obra considerada desnecessária e onerosa por muitos. O novo plenário será numa laje superposta. No atual, salas e salões.

A Mesa diretora, porém, já tomou sua decisão, por unanimidade. Prevaleceram os argumentos do arquiteto Oscar Niemeyer e as justificativas de Ulysses Guimarães. A obra é necessária para o funcionamento da Assembleia Constituinte e não custará tanto assim — entre 30 e 50 milhões de cruzados. "Muito menos de que qualquer escândalo financeiro da velha República", segundo o quarto secretário da Câmara, deputado José Frejat.

Os integrantes da Mesa diretora esperavam aprovar o projeto da reforma, formalmente, na reunião de anteontem, à tarde. Ulysses, entretanto, seguindo o modelo da velha escola pessedista, preferiu transferir a decisão para o dia 13. Ele quis antes conversar com o presidente do Senado, José Fragelli, para solicitar a cessão temporária do "Porteirão" — auditório Petrônio Portella —, onde deverá funcionar o plenário da Câmara, durante as obras de ampliação. Possivelmente o presidente da Câmara tentará amenizar as resistências de Amaral Netto, de Roberto Cardoso Alves, de Oswaldo Lima Filho. O líder do PFL, José Lourenço, já se revelou mais compreensivo,

ao ser informado de que o custo final será de 30 a 50 milhões, e não de 200 milhões, como se dizia. Ulysses Guimarães terá de pedir também calma ao líder do PDS, que está pretendendo ocupar fisicamente o plenário, com um grupo de deputados, na tentativa de impedir o início das obras. Deve ser apenas mais um gesto teatral, tão a gosto do deputado pessedista. Mas não custa evitar o espetáculo.